

Participação do INCT-INO FAR no seminário Avaliação do Setor Farmoquímico Nacional: Capacitação Tecnológica e Produtiva

Professora Dra Lidia M. Lima

Superintendente Científico do INCT-INO FAR

Em nove de outubro do corrente, foi realizado no auditório da Anvisa, em Brasília, o seminário sobre: “*Avaliação do Setor Farmoquímico Nacional: Capacitação Tecnológica e Produtiva*”, em parceria da Agência com a Fiocruz e a Secretaria de Ciência e Tecnologia do Ministério da Saúde.

Após solenidade abertura que contou com a participação de Dirceu Barbano (Diretor-Presidente da ANVISA); Eduardo Jorge Valadares Oliveira (Diretor do Departamento do Complexo Industrial e Inovação em Saúde da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, DECIIS/SCTIE/MS) e Jorge Bermudez (Presidente de Produção e Inovação em Saúde (VPPIS) da Fiocruz), foi proferido o seminário em tela.



Mesa de abertura do Seminário de Avaliação do Setor Farmoquímico Nacional: Capacitação Tecnológica e Produtiva.

Com duração aproximada de 50 minutos, Jorge Bermudez apresentou os resultados do estudo realizado sobre a capacitação tecnológica e produtiva da indústria farmoquímica nacional. Iniciou com levantamento comparativo sobre o setor no período anterior versus posterior a década de 90 do século XX. Explicou a metodologia adotada no estudo, apresentando pontualmente os resultados obtidos no relatório. Das 36 empresas visitadas, 23 possuem eminente perfil fármacoquímico. Deste total, 89% têm capital totalmente nacional, 4% capital misto e 7% são multinacionais. Relatou que o setor movimentava por ano no Brasil cerca de R\$ 30 milhões, contrastando com o faturamento de 113 bilhões de dólares do setor no mundo; com projeção de crescimento de 5,6% ao ano. Comparada a última avaliação do setor, relativa aos anos de 2004-2007, houve um crescimento significativo (ca 30%) e um pequeno aumento na contratação de mão de obra qualificada em nível de

pós-graduação, compreendendo cerca de 7% do total de funcionários das empresas. Segundo Bermudez, o relatório gerado demonstra que as empresas farmacológicas nacionais, concentradas em sua ampla maioria na região sudeste, possuem baixo grau de inovação, produzem predominantemente IFAs (*ie* insumo farmacêutico ativo) de origem sintética, baseadas em transformações químicas não complexas, tais como: reações de redução, oxidação, hidrólise, acilação, nitração, halogenação e condensação. Embora, os dados aferidos tenham indicado maior disponibilidade para a verticalização, o setor carece de esforços nesta direção.

Do conjunto de resultados apresentados 3 pontos merecem cuidadosa reflexão:

- 1- a atual incapacitação tecnológica na produção de antibióticos, quando outrora por meio da Companhia Brasileira de Antibióticos (CIBRAN), o Brasil possuía capacidade de produção verticalizada para atendimento da demanda nacional e exportação para países como: Alemanha, Inglaterra, Tchecoslováquia, Argentina, Colômbia, Índia e Estados Unidos da América;
- 2- a insuficiência na produção de Insumos Farmacêuticos (IFA) estratégicos para o país; o setor farmoquímico brasileiro produz $\leq 1\%$ da quantidade de IFA importada para consumo nacional;
- 3- o processo de desverticalização do setor farmacológico nacional, iniciado a partir dos anos 90 e cuja reversibilidade parece ser intangível, haja vista a alegação de custos alardeada por autoridades e empresários do setor.

Para finalizar cabe a questão: até quando o atraso tecnológico pode ser justificado por “questões de custo”? Em que momento a soberania nacional no setor de fármacos e medicamentos será meta imperiosa para a supremacia do País?